

O USO DE ESTIMULANTES DE EREÇÃO PELA POPULAÇÃO JOVEM

Juliano Duque Scheffer¹; Ocir De Paula Andreato²

THE USE OF PENILE ERECTION STIMULANTS BY YOUNG PEOPLE

Resumo: Das atividades humanas, a sexualidade é aquela que denota a autenticidade do indivíduo, pois mostra o estado de sua relação entre corpo, mente e sociedade. A cultura é um elemento mediador dessas relações, todavia sendo um elemento mutável na medida em que a sociedade se transforma na velocidade das liberdades e experiências. Este trabalho tem por objetivo pesquisar e refletir sobre o comportamento sexual da juventude atual, em estágio de alta velocidade de mudanças e exigências de adaptações, e, mais especificamente, sobre o uso não recomendado de estimulantes sexuais pela população jovem masculina. A metodologia utilizada foi a busca de dados estatísticos em publicações especializadas e a leitura reflexiva destes dados ao foco da pesquisa, visando contribuir para a discussão do tema em questão.

Palavras chave: sexualidade atual; estimulantes sexuais; comportamento do homem jovem

Abstract: Of human activities, sexuality is one that denotes the authenticity of the individual, showing the relationship between body, mind and society. Culture is a mediating element among these relationships, but is a changeable element, according to the velocity of the freedom and experiences in society. This article aims to research and reflect on the sexual behavior of the today's youth, considering the high rate of changings and adaptations, and more specifically about the non-recommended use of sexual stimulants by the young male population. The methodology used was the search for statistical data in specialized database and the reflexive interpretation, to contribute to the discussion of the topic in question.

Keywords: actual sexuality; sexual stimulants; young male behavior

¹Graduação em medicina, especialização em cirurgia geral, especialização em urologia e pós-graduação em educação sexual pela FEPAR. E-mail: juliano.duque@yahoo.com.br

²Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Teologia na PUCPR, mestre em filosofia, psicólogo e especialista em sexologia; professor e coordenador do curso de especialização em sexualidade humana: educação e terapia na Universidade Positivo. E-mail: ocirandreta@gmail.com

Introdução

Dentre todas as atividades humanas, a sexualidade é aquela que denota maior grau de autenticidade, porque demonstra a forma como conhecemos nosso corpo, nossas vontades, nossas fantasias, da maneira mais honesta. É performática, no sentido de que a manifestamos inconscientemente, em nossas atitudes mais banais do cotidiano. E também é um *continuum*, em que durante todo o período de uma vida podemos aprender, estimular e mudar nosso comportamento previamente estabelecido. É, sobretudo, a exposição mais sincera de cada um, porque demonstra como cada indivíduo é um universo em si mesmo.

Butler (2003) defendeu que haveria uma “unidade metafísica”, na qual as relações entre o sexo biológico e o gênero construído pela influência cultural seriam um paradigma expressivo autêntico, que representaria a essência do sujeito. Ainda nessa linha, Gagnon (2006) remete a uma interpretação social para as raízes do desejo sexual e desconstrói a ideia deste como fruto somente das idiossincrasias do indivíduo. Assim, sua motivação nada mais seria do que parte da adequação e readequação social compartilhada dentro de contextos sociais.

Durante as fases de nossa vida manifestamos uma sexualidade própria a cada etapa. Assim, os bebês expõem uma sexualidade natural ao seu desenvolvimento, a criança a desenvolve de acordo com os exemplos que aprende, o jovem a estimula enquanto descobre seu próprio corpo, o adulto, da forma que lhe traz mais prazer.

Quando tratamos da sexualidade nos jovens, estamos lidando com uma faixa etária em que as descobertas acontecem a todo instante. Por ser tratar de um período de muitos questionamentos, e também decisões, a formação da identidade de cada um está mais propícia ao maior número possível de influências, seja na família, na escola, nos amigos, na internet.

O jovem do século XXI é um pouco diferente das gerações anteriores. Imerso na era da Revolução Digital, quando informação, interpretação, fatos históricos, conhecimento técnico científico, encontram-se disponíveis na internet. É uma vantagem se considerarmos como uma forma democrática de compartilhar conhecimento, adquirir cultura, aprender comportamentos, impressões e opiniões. Mas também oferece oportunidades de anonimato: podemos criar um avatar, uma segunda personalidade, e exercermos atividades consideradas incorretas pelo nosso próprio ponto de vista, só pelo desafio, pela sensação de liberdade incomensurável. Então o

mundo virtual oferece uma válvula de escape para a fluidez de nossos desejos, que não encontram oportunidade de se manifestar no mundo real e normativo. Assim, existe muita coisa útil na rede mundial de computadores, mas também negativa, e ainda não existe um filtro maior para todo esse poder que nossa própria consciência. Com o desenvolvimento de microcomputadores, *laptops*, *tablets* e celulares, torna-se difícil não estar cercado por tantas possibilidades. É possível para todos, não só aos jovens, experimentarem incertezas diante de tantas alternativas.

Com todo o universo à distância em apenas um toque, essa conexão em escala global gerou uma multiplicidade de comportamentos em uma dinâmica muito mais rápida que em qualquer outra fase da história da humanidade. Dessa forma, os jovens estão inseridos em todas as mudanças que ocorrem na sociedade, em tempo real, e reagem de maneira espontânea, até mesmo despreparada. Quando falamos de sexualidade, não fugimos a esta situação, e por isso o jovem de hoje pode apresentar e aprender comportamentos totalmente novos ao longo da formação de sua personalidade.

Por outro lado, as patologias relacionadas ao desempenho sexual nunca estiveram tanto em discussão. No âmbito masculino, disfunção erétil, ejaculação precoce, diminuição da libido, hoje passaram de assuntos sigilosos e reservados a fatores de comparação ou índices de satisfação pessoal. Com a popularização da informação, pressupõe-se que em algum momento da vida muitos poderão experimentar os dissabores dessas situações.

Finalmente, o lançamento de um medicamento inicialmente idealizado para vasodilatação cardíaca, mas que apresentou efeito principalmente na vascularização peniana, transformou-se em um divisor de águas para o comportamento sexual masculino moderno. A criação do inibidor de fosfodiesterase-5 (IPD-5) Sildenafil, e sua posterior liberação para venda em 27 de março de 1998, levaram seus idealizadores Robert Furchgott, Louis Ignarro e Ferid Murad a ganharem o prêmio Nobel de medicina de 1998. Levaram também ao desenvolvimento de múltiplas pesquisas científicas para o tratamento da disfunção erétil masculina. Hoje estão disponíveis para venda em farmácias, sem qualquer tipo de restrição, vários nomes diferentes de genéricos além do Viagra® original. Desta forma, sua popularidade, hoje contundente, mudou padrões na sexualidade desde os casais da terceira idade até jovens inseguros.

Objetivos

O objetivo geral deste artigo é demonstrar que o comportamento sexual da juventude atual está diferente de muitos anos atrás. Influenciado não apenas positivamente, mas em estágio de adaptação a tantas mudanças na sociedade.

Como objetivo específico, propõe-se uma discussão sobre um aspecto particular dessa mudança de comportamento, que é o uso não recomendado de estimulantes sexuais por parte dessa mesma população jovem.

Contextualização teórica

Para uma melhor delimitação do objeto de estudo aqui proposto, é necessária uma conceitualização sobre o que se considera população jovem, o que é o diagnóstico de disfunção erétil e como o tratamento está indicado. Também são citados alguns dados históricos que podem contextualizar as mudanças na sociedade em que o jovem está imerso, para discussões sobre esse comportamento que surgiu.

Finalmente, por meio de uma busca de dados na Medline, Scielo e Pubmed, expõe-se o que existe de estatística publicada sobre o número de jovens que fazem uso de estimulantes sexuais.

O jovem

Levando-se em consideração o *Estatuto da Juventude* (2013), sancionada pelo governo federal em 2013, considera-se como população jovem, no Brasil, indivíduos entre 15 a 29 anos. Portanto, aqueles que nasceram entre 1985 e 2000.

Embora apresente uma extensão tão ampla no plano cronológico, o conceito de juventude hoje representa algo muito mais complexo que o interstício entre a infância e a idade adulta. Ao considerar a população jovem, deve-se individualizar o desenvolvimento físico, maturidade psicológica, formação cultural e entrelaçamento social. O jovem representa o potencial da força de trabalho de uma população, bem como da inovação intelectual. Por essa diversidade de fatores, sempre que existir um padrão de comportamento, este deve ser valorizado, pelo inúmero grau de variações em que pode se apresentar.

A disfunção erétil

Disfunção erétil (D.E.) é a incapacidade recorrente e persistente de começar ou manter uma ereção peniana para uma satisfatória relação sexu-

al. Historicamente, com o nome de impotência, não era considerada uma patologia médica, mas sim uma fraqueza moral do indivíduo, ou sinal indelével de envelhecimento. Somente no século XX passou a ser reconhecida como enfermidade e estudada sob seus aspectos fisiológicos e tratamento. Em 1992, o Instituto Nacional de Saúde Norte Americano substituiu o termo impotência por disfunção erétil.

Hoje são reconhecidos muitos motivos para sua etiologia, e se destacam as causas vasculares, neurológicas, psicogênicas e externas – como traumas, medicações, radioterapias, cirurgias.

Seu tratamento foi por muitos anos baseados em vasodilatadores inespecíficos com pouco resultado ou mecanismos a vácuo para manter a ereção. Somente após 1982 foram instituídas as primeiras substâncias injetáveis intracavernosas que alcançaram o grau de tratamento padrão. Caso não houvesse sucesso terapêutico, a cirurgia de prótese peniana semirrígida ou inflável encontrou campo para amplas indicações.

Somente após a descoberta dos mecanismos fisiológicos da ereção, sua relação com o metabolismo do óxido nítrico e sua relação com a vasodilatação, que se tornou possível à criação de um medicamento via oral. A enzima fosfodiesterase-5 é responsável por retirar o monofosfato cíclico de guanosina (GMPc) da microcirculação cavernosa que, por sua vez, seria o responsável pelo relaxamento da musculatura peniana – causando ereção. Ao criar um medicamento inibidor desta enzima, o sildenafil, pôde-se manter essa cascata em ação por mais tempo e de forma mais efetiva, tornando-se assim o melhor tratamento para a disfunção erétil.

Desde 1998, muitas outras medicações já foram desenvolvidas e se encontram à disposição no mercado nacional. Sildenafil, vardenafila, tadalafila, lodenafila, udenafila, são indicadas para uso sob demanda, isto é, premeditadamente pouco tempo antes da relação sexual programada. Como alternativa, tem-se a tadalafila 5mg de uso diário, que pelo seu uso contínuo e tempo de permanência no organismo, manteria uma condição predisponente mínima para ereção, dependendo apenas do estímulo sexual externo.

A disfunção erétil como patologia conceitualiza-se simplesmente como a incapacidade de manter o pênis ereto para uma relação. Embora todos os homens em qualquer idade possam experimentar eventos isolados dessa situação, tende-se a caracterizar como uma doença quando esse padrão apresenta certa periodicidade e constância, prejudicando o contato social do indivíduo. Subentende-se também a disfunção erétil não só como uma en-

fermidade, mas também como sinal de outros problemas, como uma possível insuficiência vascular e neuropatias periféricas, comuns em quadros de diabetes mellitus, dislipidemias, disfunções hormonais e doenças neurológicas. O especialista médico indicado para sua correta avaliação é o urologista, que dentro de protocolos específicos de investigação, e aplicando de questionários para a quantificação do problema – como o Índice Internacional de Função Erétil (IIFE) – saberá escolher as melhores alternativas terapêuticas de forma individualizada.

As mudanças na sociedade

A população que nasceu entre 1985 e 2000 passou coincidentemente por uma época de muitas inovações científicas, tecnológicas e sociais, e seus reflexos puderam ser sentidos em todas as esferas da sociedade atual.

No campo científico, desde 1978, ano em que foi anunciado o primeiro “bebê-proveta” em inseminação artificial realizada por Patrick Steptoc e Robert Edwards, a reprodução humana medicamente assistida tornou-se uma realidade. No Brasil, o primeiro bebê por inseminação artificial nasceu em 1984. Desde então, múltiplas técnicas de procriação assistida foram desenvolvidas, como inseminação artificial intrauterina, fertilização *in vitro* e a microinjeção intracitoplasmática de espermatozoides. Desta forma criou-se o “filho sem sexo”, possibilitando a criação de novas formas de família, sem a obrigatoriedade da presença de um progenitor conhecido.

Na questão dos relacionamentos matrimoniais, a Constituição Brasileira de 1988, em seu artigo 226, alterou profundamente a regulamentação do divórcio no Brasil, inicialmente criada em 26 de dezembro de 1977. Posteriormente, pela lei 11.441 de 2007, foram retiradas questões burocráticas relacionadas ao processo judicial, facilitando a oficialização do divórcio consensual em cartórios. Finalmente, após a promulgação da Emenda Constitucional 66/2010 em 2009, extinguiu-se a necessidade de lapso de tempo entre as partes, facilitando um novo casamento para os recém-divorciados.

No campo social, no dia 17 de maio de 1990 a Assembleia Geral da Organização Mundial de Saúde – OMS, retirou a homossexualidade da sua lista de doenças mentais da Classificação Internacional de Doenças – CID. Em 1991 a Anistia Internacional passou a considerar a discriminação contra homossexuais uma violação dos direitos humanos. No Brasil, em 5 de maio de 2011, o Supremo Tribunal Federal (STF) reconheceu por unanimidade a união estável entre pessoas do mesmo sexo em todo o território

nacional.

Dessa forma, a coabitação entre pessoas do mesmo sexo pode ser considerada por analogia como entidade familiar, estabelecendo direitos à adoção, herança fiscal, propriedade conjunta, pensões e inclusive o uso da fertilização assistida sob formas de “barriga de aluguel”. Essa realidade é alvo de polêmicas até hoje, despertando discussão sobre o conceito atual de família em muitos âmbitos da sociedade.

De todas as inovações dos últimos 29 anos, nenhuma revolucionou tanto a comunicação, o conhecimento, o lazer, o comportamento, a informação como a internet. Foi construída a partir de uma evolução do sistema de comunicação militar ARPANET, com a criação da World Wide Web (www) em 1992 por Tim Berners-Lee do CERN, e o protocolo HTTPS (Hyper Text Transfer Protocol Secure) pela empresa americana Netscape. Desde então se tornou um fenômeno, com a criação de sites, programas, redes sociais, blogs, aplicativos e possibilidades ilimitadas, tendo atingido um bilhão e 250 mil usuários em 2007.

Além de todos esses fatos pontualmente citados, considera-se a década de 1990 e os anos 2000 com uma época de reafirmação do papel da mulher como cidadã, profissional, provedora e chefe de família. Também considera-se esta a era da pandemia da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida – AIDS, com seus tratamentos, sua necessidade de sexo seguro e seus reflexos no comportamento cotidiano.

Fica evidenciado, portanto, que se em épocas anteriores da civilização moderna existia uma repressão natural do comportamento sexual de forma aberta e exposta a estranhos, nestes últimos 30 anos foram estabelecidos avanços que colocaram em xeque as posições éticas e morais que vigoravam até então. As possibilidades biológicas de discernir sexo de reprodução, as mudanças jurídicas nas formas de reconhecimento das relações de afeto e a emancipação da mulher “libertaram” a sexualidade de algumas restrições no inconsciente, tão enfatizadas por Reich, Marcuse e Freud.

○ uso de estimulantes sexuais

A venda de medicamentos conhecidos como inibidores da fosfodiesterase-5 (IPD-5) no Brasil não sofre nenhum tipo de controle ou retenção de receita médica. Desta forma, não existem dados objetivos que possam estimar seu consumo por faixa etária. O que se admite, na prática clínica, é a crescente observação de seu uso por parte de jovens entre 18 e 29 anos.

A disfunção erétil (D.E.) é uma patologia que pode atingir 20 a 30% da população masculina mundial. No Brasil, estima-se que 45% dos homens com mais de 18 anos terão um episódio de D.E. em algum momento de suas vidas, destes, mais de 52% dos pacientes entre 40 e 70 anos de forma mais importante.

O uso das medicações IPD-5 sem indicação médica já foi demonstrado em alguns estudos. Um dos primeiros artigos a discutir seu uso foi feito por Romanelli e Smith (2004), quando, revisando a literatura e a base de dados Medline, não encontraram números, mas expuseram o crescente uso de inibidores de fosfodiesterase-5 em conjunto com outras drogas recreativas, as quais denominaram “*club drugs*”, em uma tentativa de reverter o efeito simpaticomimético causado pelos outros estimulantes na ereção.

Quantitativamente, Freitas, Menezes *et al.*, (2006) demonstraram, após questionário preenchido na cidade de São Paulo por 360 estudantes universitários com idades entre 18 e 30 anos, que 53 (14,7% dos entrevistados) admitiram uso eventual de IPD-5. Destes, nenhum fez uso de prescrição médica ou apresentou diagnóstico clínico que o justificasse.

Da mesma forma, Korke *et al.*, (2008) mostraram um estudo envolvendo 167 universitários homens com idades entre 17 e 31 anos, apenas do curso de medicina. Nessa população, 9,0% dos entrevistados admitiram uso de IPD-5. Em 71,4% das ocasiões houve o uso de álcool concomitante, demonstrando a natureza não patológica desta utilização. Mesmo assim, 43,6% desses usuários repetiram esta experiência pelo menos três vezes.

Dados mais recentes publicados por Bechara *et al.* (2010) foram obtidos por entrevistas com 321 jovens entre 18 e 30 anos, escolhidos em escolas, universidades e academias de ginástica. Os dados demonstraram que 69 (21,5% dos entrevistados) usaram IPD-5 pelo menos uma vez, e entre eles, 37 (53,4%) o fizeram em conjunto com álcool e outras drogas, em eventos de confraternização; 75,4% receberam o comprimido de um amigo, 17,4% compraram em farmácia sem prescrição médica, 4,3% obtiveram com prescrição médica e 2,9% compraram pela internet.

Em uma pesquisa publicada por Harte e Mes-ton (2011), foram avaliados 1994 homens entre 18 e 51 anos, todos universitários de 497 instituições americanas, sendo 78% destes entre 18 e 22 anos, 86% heterossexuais, 12% homossexuais e 2% bissexuais. Verificou-se que 5% já haviam usado IPD-5 em algum momento de suas vidas, 2% faziam uso

frequente e 74% dos que fizeram uso (4% do total), o faziam de maneira recreativa, sem indicação médica.

No Brasil, Freitas, Cabianca *et al.* (2015), realizaram um estudo em que foram avaliadas as vendas nos balcões de farmácia da cidade de Três Lagoas – MS, por 30 dias. O resultado demonstrou que 50% das 600 vendas realizadas no período foram feitas para jovens entre 17 a 27 anos, sem recomendação médica.

Embora todos esses trabalhos representem populações específicas para pesquisa e não apresentem a mesma metodologia, eles possuem alguns detalhes em comum que chamam a atenção. Em primeiro lugar, percebe-se que existe o uso de estimulantes sexuais pelos jovens. Embora possa ter uma variância entre 5% a 21%, pode-se concluir que existe uma porção desta população, estatisticamente relevante, que faz uso ocasional e até intermitente deste tipo de suplementação.

Além disso, existe uma tendência de uso francamente recreativo, evidenciada pela não recomendação médica e pelo uso concomitante de outras drogas. Como o uso de álcool e derivados em moderadas quantidades possuem o efeito depressor do sistema nervoso central, atrapalhando os mecanismos neurovasculares da ereção, o uso de inibidores de fosfodiesterase é necessário para contrabalançar esta questão, mantendo a função erétil do jovem mesmo intoxicado. A forma aberta como os entrevistados assumem este tipo de comportamento demonstra que não existe preocupação relacionada aos efeitos colaterais e interações medicamentosas possíveis para esses tipos de substâncias.

Finalmente, correlacionando os resultados obtidos em diferentes partes do mundo, torna-se notória a facilidade de aquisição de que os jovens desfrutam para esse tipo de estimulante. Mesmo sendo um medicamento vendido apenas em farmácias, não há exigência de receituário médico, desconsiderando os riscos de intoxicação, dependência psicológica e priapismo previstos em bula.

Discussão

Embora o assunto aqui tratado esteja vinculado à sexualidade, percebe-se que nos últimos 30 anos a sociedade apresentou avanços nas áreas tecnológicas, biológicas e sociais, de maneira que uma mudança comportamental poderia também ser prevista como uma resposta. A sexualidade, neste contexto, atua como a porção mais legítima e confiável das mudanças a serem identificadas.

Levando-se em consideração o advento da in-

ternet, a criação de um ambiente virtual trouxe uma liberdade e um anonimato que seduzem o jovem a buscar conhecimentos, experiências e seus próprios limites. Por outro lado, com a popularização das redes sociais, estabeleceu-se também um paradoxo. Cada pessoa é livre para explorar situações diversas, mas compartilha apenas aquelas em que encontra felicidade. Como muitas situações de diversão podem gerar um número maior de seguidores, e como publicamente temos a tendência a esconder nossos fracassos, fica estabelecida então a "ditadura da felicidade". Assim, encontramos pessoas que, mesmo que suas vidas reais estejam cheias de problemas, no mundo virtual só demonstram alegria e realizações. Por mais hipócrita que possa parecer, algumas pessoas criam em seu inconsciente uma competitividade para demonstrar cada vez mais sucesso no mundo virtual.

Desde 1998, com a comercialização do Viagra e posteriormente toda a cascata de inibidores da fosfodiesterase-5 que surgiram, iniciou-se também uma reformulação no papel que a atividade sexual exerce na vida das pessoas. Muitos conceitos popularizados em slogans publicitários de que "sexo é vida" e "sexo é felicidade" passaram a incorporar a filosofia de vida de todos. Assim, passa a existir uma valorização extremada da performance da juventude, envelhecer torna-se algo negativo e surge uma busca inconsciente do mito da eterna juventude.

Considerou-se, então, que devido a esses comprimidos "só não faz sexo quem não quer", e como a busca pela felicidade é uma obrigação constante, a atividade sexual tornou-se um atalho para poder desfrutá-la.

Essas novas influências interferem na sexualidade à medida que acrescentam conceitos de *mais-valia*¹ ao comportamento sexual. Portanto, passou a existir uma quantificação da felicidade, seja pelo número de parceiros, seja pela intensidade dos relacionamentos.

Para Foucault (1988), a permissividade da época atual é um fenômeno de poder, não um caminho para a emancipação. A sexualidade gera prazer, e o prazer proporciona um incentivo para que o sexo como mercadoria possa incrementar o consumismo e, por isso mesmo, o hedonismo.

Um jovem que ainda está em processo de sedimentação da sua identidade torna-se presa fácil para esse tipo de ideologia. Se para alguns, ser bem-sucedido sexualmente é ter um número cada vez maior de parceiras ou parceiros, para outros o importante é realizar uma prática sexual baseada em números,

com parâmetros de tamanho do órgão, duração da relação, quantidade de atos em uma mesma oportunidade. O envolvimento entre as pessoas e o significado do ato em si estão relegados a segundo plano, dando lugar às análises de desempenho.

O que inicialmente pode parecer um exercício de liberdade dos relacionamentos atuais, pode se tornar uma cobrança de performance, uma vez que o sentimento envolvido não pode ser comensurado, apenas a habilidade com que se pratica o ato. Partindo deste princípio, ao iniciar um envolvimento sexual-amoroso, abre-se uma oportunidade de ser avaliado pelo parceiro, que pode levar em consideração esses aspectos de mais-valia.

Dentro desse contexto, deve-se levar ainda em consideração a evolução do papel da mulher atual. Com sua emancipação, a mulher buscou conhecer o seu próprio corpo, explorou suas manifestações próprias de sexualidade, e agora escolhe seu parceiro e busca aspectos muito específicos de sua felicidade. Sem mais a postura resignada de eras atrás, a mulher hoje incute no parceiro também a responsabilidade de corresponder às suas necessidades sexuais, compartilhando, desta forma, a ansiedade por desempenho.

Outros aspectos a serem considerados para o uso desses estimulantes estão relacionados àqueles que de fato podem vir a necessitar deste tratamento. Também facilitada pela internet, hoje a exposição à pornografia desde muito cedo pode ser responsável por comprometer o estímulo sexual que desencadeará o ato em ambiente privado. Para este tema, considera-se a terminologia limiar de excitação, diferente de limiar de excitabilidade, fenômeno bioquímico celular conhecido.

Facilita-se o entendimento do conceito de limiar de excitação a partir de um exemplo. Da mesma forma que um filme antigo possa ter causado sensações de medo, emoção e ansiedade à época em que esteve em cartaz e que hoje, ao ser assistido, não surte a mesma reação. Com a frequente exposição a determinado estímulo, este passa a ser dessensibilizado, necessitando-se intensidades cada vez maiores para atingir o mesmo efeito.

Dentro do próprio desenvolvimento neuropsicomotor, entende-se que o adolescente pode ser erotizado com situações muito menos explícitas, como desfiles de biquíni. O jovem, por sua vez, apesar de não se excitar com esta situação, pode ser influenciado por fotos de nu artístico. O adulto e o idoso dependerão da carga de excitação que absorveram ao longo da vida.

¹Como conceito de mais valia, considera-se àquele empregado na Revolução Industrial. O autor aqui propõe-se, usando este adjetivo, a comparar o ato sexual com um bem manufaturado comercializável.

No campo da sexualidade isso pode ser observado quando percebemos que um jovem inicialmente excitável com filmes pornográficos comuns, passa a procurar cenas de sexo cada vez mais exóticas, abrindo espaço para o mercado de pornografia “bizarra”, como é chamada no meio, envolvendo práticas sexuais menos convencionais.

Além disso, exposições desde muito cedo aos filmes pornográficos criam relações sexuais estereotipadas, a representação da mulher como “objeto sexual”, expectativas irreais de desempenho e limiar de excitação cada vez mais alto. Um filme pornográfico se torna uma analogia ao sexo, assim como um filme de corrida pode estimular a dirigir mais rápido. A resposta comportamental para este impacto pode ser observada no desenvolvimento dos *sextings*, contração das palavras *sex* e *texting*, em que uma pessoa filma uma relação sexual particular, com equipamento amador ou um celular, e depois a divulga pelas redes sociais. Uma óbvia comparação entre o sexo real realizado e o filme pornográfico editado, tornando cada envolvido em um ator de filmes em potencial. O uso de imagens não autorizadas e a identificação dos participantes na emissão dos vídeos configura crime especificado em lei.

Estudos realizados pela Cambridge University, divulgada pelo site *Your Brain On Porn* (2014) demonstraram que os consumidores de pornografia e os dependentes químicos possuem o mesmo comportamento frente ao seu consumo, pois ambos procuram por estímulos cada vez maiores. Em outro estudo realizado pelo Max Planck Institute for Human Development (2014), descobriu-se uma relação neurológica entre assistir pornografia e estimular as áreas do sistema de recompensa do cérebro.

Portanto, pode-se concluir que se, devido à facilidade da internet, um jovem for estimulado por pornografia durante longo prazo, é possível que não encontre estímulo suficiente em uma situação real, necessitando utilizar estimulantes sexuais por questões sociais.

Considerações finais

Considerando-se a atividade sexual como um dos atalhos para a busca por felicidade, e que está imbuída de um significado mercadológico, não é de se surpreender que os estimulantes sexuais se tornassem tão populares. Inicialmente idealizados para auxílio de pacientes com disfunção erétil, geralmente em idades mais avançadas, devido à falta de controle nas vendas e a popularização nos preços, hoje esses estimulantes atingem todas as camadas da sociedade e de todas as idades, seja com fins

terapêuticos, seja com fins suplementares à performance sexual.

Ainda que não existam estudos epidemiológicos definitivos sobre o uso de estimulantes sexuais na idade jovem, o que se encontra disponível na literatura serve para demonstrar a forte aceitação da prática nessa população. Embora não sejam os únicos atingidos pelos conceitos comportamentais que agora se estabelecem, serão os primeiros a se debaterem com as consequências que desencadearão.

A origem deste tipo de comportamento é multifatorial, mas encontra-se fortemente relacionada com a diminuição da repressão social, mais que a repressão psicológica, que a sexualidade vem recebendo nos últimos 30 anos. Associando-se a isso uma ferramenta de alcance ilimitado como a internet, e novos comportamentos podem ser criados e estabelecidos, como o *sexting* ou o vício em pornografia.

O principal agente de mudança permanecerá sendo a população jovem, pela flexibilidade de ideais, pela ansiedade por novas descobertas e pelo interesse em incorporar novos valores. Como o jovem possui uma dificuldade maior em superar o domínio que a sexualidade exerce em sua vida, poderá ser a própria vítima de algumas atitudes realizadas de maneira não planejada.

Referências

BECHARA A.; CASABÉ A.; et al. Recreational use of phosphodiesterase type 5 inhibitors by healthy young men. *J Sex Med.*, v. 7, n. 11, p. 3736-3742, nov. 2010. doi: 10.1111/j.1743-6109.2010.01965.x. Epub 2010.

BOLETIM EPIDEMIOLÓGICO HIV – AIDS. Ano III, n. 01, 2014. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/sites/default/files/anexos/publicacao/2014/56677/boletim_2014_final_pdf_15565.pdf>. Acesso em: 12 de dezembro de 2015.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 45.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988. v. 1.

FREITAS, A. V. R.; CABIANC, L. O.; et al. Uso indiscriminado de citrato de sildenafila (Viagra®). *Rev. Conexão Eletrônica*. v. 12, n. 1, 2015.

FREITAS, V. M.; MENEZES, F. G. et al. Frequência de

uso de inibidores de fosfodiesterase-5 por estudantes universitários. *Rev. Saúde Pública*, São Paulo, v. 42, n.5, out. 2008. Epub.

GAGNON, John. *Uma interpretação do desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade*. São Paulo: Unesp, 1993.

GOLDSTEIN, I.; LUE, T. F.; PADMA-NATHAN, H.; ROSEN, R.C.; STEERS, W. D.; WICKER, P. A. Oral sildenafil in the treatment of erectile dysfunction. Sildenafil study group. *N Engl J Med.*, v. 338, p.1397-1404, 1998.

HARTE C.B.; MESTON C.M. recreational use of erectile dysfunction medications in undergraduate men in the United States: characteristics and associated risk factors. *Arch Sex Behav.*, v. 40, n. 3, p. 597-606, jun. 2011.

KORKES F.; COSTA-MATOS A., *et al.* Recreational use of PDE5 inhibitors by young healthy men: recognizing this issue among medical students. *J Sex Med.* 2008 Oct;5(10):2414-8. doi: 10.1111/j.1743-6109.2008.00792.x. Epub 2008.

KÜHN S.; GALLINAT J. Brain Structure and Functional Connectivity Associated With Pornography Consumption: The Brain on Porn. *JAMA Psychiatry*, 28 maio 2014. On-line: doi:10.1001/jamapsychiatry.2014.93

LEI N. 12.852, de 5 de Agosto de 2013. *Estatuto da juventude*. Disponível: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.html>. Acesso em: 12 de dezembro de 2015.

LEI N. 6.515, de 26 de Dezembro de 1977. Lei do divórcio. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L6515.html>. Acesso em: 12 de dezembro de 2015.

PADMA-NATHAN, H.; CHRIST, G.; ADAIKAN, G.; BECHER, E.; BROCK, G.; CARSON, C. Pharmacotherapy for erectile dysfunction. *Sexual medicine: sexual dysfunctions in men and women*. Paris: Health Publications; 2004. p. 345-82.

ROMANELLI, F.; SMITH, K.M. Recreational use of sildenafil by HIV-positive and -negative homosexual/bisexual males. *Ann Pharmacother.*;38(6):p. 1024-

1030, jun. 2004. Epub.

SMITH K.M.; ROMANELLI F. Recreational use and misuse of phosphodiesterase 5 inhibitors. *J. Am. Pharm. Assoc.*, (2003). 2005 v. 45, n. 1, p. 63-72; p. 73-5. Review.

TEIXEIRA C.A.; TORRES B. O sexo: como ele não é. *Jornal O Globo*. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/sociedade/tecnologia/o-sexo-como-ele-cao-e-12180591>>, Acesso em: 12 de dezembro de 2015.

VOON V.; MOLE T.B. Neural correlates of sexual cue reactivity in individuals with and without compulsive sexual behaviors. *Journal Plus One*, 11 jul. 2014. DOI: 10.1371/journal.pone.0102419.

WESPES E.; AMAR E.; EARDLEY I.; GIULIANO F.; HATZICHRISTOU D.; HATZIMOURTIDIS K.; MONTORSI F.; VARDI Y. *Eur Urol* 2002; 41 (1): 1-5.

WESPES E.; AMAR E.; EARDLEY I.; GIULIANO F.; HATZICHRISTOU D.; HATZIMOURTIDIS K.; MONTORSI F.; VARDI Y. *Eur Urol* 2006; 49 (5): 806-15.

WIKIPEDIA. *Bebê de Proveta*. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Beb%C3%A9-proveta>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2015.

WIKIPEDIA. *Leis do divórcio*. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Div%C3%B3rcio>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2015.

WIKIPEDIA. *Leis do homossexualismo*. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Legisla%C3%A7%C3%A3o_sobre_a_homossexualidade_no_mundo>. Acesso em: 12 de dezembro de 2015.

WIKIPEDIA. *Origem da internet*. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_da_Internet>. Acesso em: 12 de dezembro de 2015.

WIKIPEDIA. *Direitos da mulher*. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Direitos_da_mulher>. Acesso em: 12 de dezembro de 2015.

WIKIPEDIA. *Sildenafil*. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Sildenafil>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2015.

WIKIPEDIA. *Sexting*. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Sexting>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2015.